



PRÉMIO NOBEL

SOLJA LEP
JENITSA
NITSANUR
COMPOTA
DE DAMASCO
E OUTROS
CONTOS

TRADUÇÃO DE ANTÓNIO PESCADÁ

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Compota de damasco
e outros contos
Aleksandr Soljenítsin



Compota de damasco e outros contos

Aleksandr Soljenítsin

Tradução do russo e notas
de António Pescada

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



Compota de damasco e outros contos

Aleksandr Soljenitsin

Título original: *Абрикосовое варенье и другие рассказы*

Publicado em Portugal por

Sextante Editora

www.sexanteeditora.pt

«Ego», «Na Krajah», «Molodnjak», «Nastienka», «Abrikosovoe varen'e»,
«Vse ravno», «Na izlomah», «Zheljbugskie Vyselki»

© 1993, 1998 Aleksandr Soljenitsin e Librairie Arthème Fayard

«Adlig Shwenkitten»

© 1998 Aleksandr Soljenitsin e Librairie Arthème Fayard

© Porto Editora, 2015

Design da capa: Blue Hub Design

Imagem de capa: © GettyImages

1.^a edição: outubro de 2015

Sextante Editora é uma chancela da

Porto Editora

Email: editorial@sexanteeditora.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 598561/15
ISBN 978-989-676-127-1



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Índice

Nástenka 7

A Nossa Juventude 45

Ego 61

Compota de damasco 99

Nos limites 119

Tanto faz 173

Sobre as fraturas 199

O povoado de Jeliábuga 253

Adlig Schwenkitten 313

Nástenka

1

Os pais de Nástenka¹ morreram muito cedo, e desde os cinco anos a menina foi educada pelo avô, o padre Filaret, que por essa altura já era viúvo. A menina viveu até aos doze anos em casa dele, na aldeia de Milostaiki, durante todo o tempo da guerra com a Alemanha e da revolução. O avô tornou-se assim o pai, e os pais, e a sua cabeça grisalha, com o olhar luminoso, penetrante mas terno para com ela, entrou na infância dela como a imagem mais importante e imutável – todas as outras, incluindo as duas tias, só vinham depois. Foi o avô que lhe ensinou as primeiras orações e os preceitos que devia seguir na vida. Ela gostava de assistir aos serviços religiosos na igreja, de se ajoelhar, e nas manhãs de bom tempo gostava de ver como os raios do sol atingiam as janelas da cúpula, e através delas, da abóbada superior, descia sobre nós – com severidade, mas também com benevolência – o olhar do Altíssimo. Aos onze anos Nástenka já ia sozinha, através dos campos, até ao mosteiro, a vinte e cinco quilómetros de distância. Nas confissões buscava alguma coisa de que se acusar e queixava-se de que não encontrava em si esses pecados – e o padre Filaret dizia-lhe, atrás da estola:

¹ Nástenka, Nástia, são diminutivos de Anastássia.

– Mas tu, menina, arrepende-te por antecipação. Arrepende-te por antecipação, porque não faltarão os pecados, não faltarão.

Mas os tempos mudavam depressa. O padre Filaret viu confiscarem-lhe os quinze hectares de terrenos da igreja, e darem-lhe quatro hectares, segundo o número de bocas a sustentar, contando com as duas tias. Mas que os cultivassem com as suas próprias mãos, pois de outro modo lhos tirariam. Na escola começaram a olhar Nástenka de lado, e os alunos alcunharam-na de «neta do pope». Mas também depressa fecharam a escola em Milostaiki. Para continuar a estudar era preciso abandonar a casa e o avô.

Nástenka mudou-se para Tcherentchitsi, a dez quilómetros de distância, onde ela e mais três meninas alugaram um apartamento. Os rapazes desta escola eram abusadores: paravam dos dois lados do estreito corredor e não deixavam passar uma única rapariga sem a apalparem. Nástia virou bruscamente para o pátio, partiu uns ramos espinhosos de acácia, avançou corajosamente e picou todos os rapazes que tentavam apalpá-la. Nunca mais lhe tocaram. De resto, era ruiva, sardenta e achava-se feia. (Se lia num livro quaisquer passagens sobre o amor, sentia uma emoção confusa.)

E as suas duas tias – a tia Hanna e a tia Fróssia –, como todas as filhas de sacerdotes, não tinham quaisquer perspectivas de vida. Tal como antes o tio Lioka tinha comprado uma certidão que o dava como filho de camponeses pobres e desapareceu para longe, também agora a tia Fróssia partiu para Poltava, na esperança de ali mudar a sua *origem social*. A tia Hanna, por seu lado, tinha um noivo em Milostaiki, e por isso ficou – mas de repente soube no hospital da cidade que uma amiga sua fizera um aborto, fruto desse mesmo noivo. A tia Hanna voltou para casa mais morta do que viva e dentro de uma semana, com a fúria, casou-se com um comunista, soldado do exército vermelho então alojado em casa deles. E como se casou ela? Foi ao registo e partiu depois com ele

para Khárkov. O padre Filaret, desolado, amaldiçoou do púlpito a sua filha, que não se casou pela igreja. E ficou completamente sozinho em casa.

Passou-se mais um inverno, Nástenka terminou a sétima classe. O que fazer agora, para onde ir? Entretanto a tia Hanna tinha-se instalado bem: era diretora de uma casa para crianças perto de Khárkov; mas tinha-se zangado com o marido e divorciara-se, apesar de ele ter conseguido um cargo importante. E chamou a sobrinha para junto de si. Nástenka passou o último verão em casa do avô. A pedido dele, aceitou um ícone do Salvador – «pega nele e reza!»: meteu-o num envelope e o envelope num caderno: lá não o poderia usar abertamente. E no outono partiu para junto da tia.

Esta já tinha ganho juízo: «Para onde hás de ir agora? Para a fábrica de tijolos? Ou fazer limpezas? Não tens outra saída se não entrar para o Komsomol. E vais fazê-lo aqui, comigo.» Entretanto colocou-a como educadora auxiliar, para cuidar das crianças – Nástenka gostava muito disso, mas o emprego era temporário. Era já necessário dizer às crianças as coisas *corretas*, não se enganar, e preparar-se para entrar no Komsomol. Além disso havia a Pava, monitora dos pioneiros, que era membro do Komsomol e que trazia sempre consigo um volume vermelho de Marx-Engels, do qual nunca se separava. Tinham também livros ainda piores, abomináveis, entre eles um romance passado num convento católico no Canadá: sobre como lá preparavam as raparigas para a consagração, e mesmo antes desta as metiam numa cela onde já estava um monge robusto que as levava para a cama. Depois consolava-as: «Isto é para teu bem, para que saibas. De qualquer modo o nosso corpo perece, não é o corpo que devemos salvar, mas a alma.»

Isto não podia ser, era uma mentira! Ou então seria coisa de além-mar? Mas Pava dizia com convicção, como se soubesse, que também nos conventos russos tudo assentava na mentira.

Que engulho ter decidido entrar para o Komsomol: também lá irão fazer troça? Também haverá Pavas como esta?

Mas a tia Hanna insistia e procurava convencê-la: vê se compreendes, não tens outra saída se não o Komsomol. De outro modo, mais vale enforcares-te.

Sim, a vida estava a ficar cada vez mais estreita, mais inflexível... Entrar para o Komsomol?

E certa vez, já de noite, quando ninguém estava a ver, Nástia puxou o ícone de Cristo, inclinou-se e depôs nele um beijo de despedida e de contrição. Rasgou-o em pedacinhos pequenos, de maneira que ninguém conseguisse identificá-lo.

E em 21 de janeiro era o primeiro aniversário da morte de Lenine. A casa da criança estava sob o patrocínio do conselho de ministros da Ucrânia, e Vlass Tchubar veio em pessoa assistir à reunião solene. O palco estava decorado a vermelho e negro, e diante de um grande retrato de Lenine as crianças que iam entrar para os pioneiros mudavam os seus nomes de Michka e Machka para Kim, Vladlen, Marxin e Outubrin; as crianças resplandeciam de alegria por mudarem de nome e repetiam os nomes novos.

E Nástia prestou o juramento do Komsomol.

Até ao fim da primavera ainda continuou na casa da criança, mas já não havia lugar efetivo para ela. A tia Hanna tratou de lhe arranjar um lugar de bibliotecária – para dirigir a isba-sala de leitura na aldeia de Okhotchie. E Nástia, que não completara ainda dezasseis anos, lá foi, passando pela povoação principal, com a sua pequena trouxa, a balancear numa telega desconjuntada.

Foi encontrar a sua isba-sala de leitura como uma sala suja, sob o mesmo teto que o soviete rural. Arregaçou a barra da saia e pôs-se a lavar o chão; era ainda necessário limpar e esfregar tudo, pendurar na parede o retrato de Lenine, e uma espingarda sem culatra oferecida à isba sabe-se lá porquê. (E então precisamente chegou o presidente do comité executivo distrital, um homem alto, moreno e fegoso chamado Arandarenko,

que soltou exclamações e elogiou muito Nástia pela limpeza feita.) Havia ainda na isba-sala de leitura algumas brochuras, e o jornal *Os Pobres*. Dois ou três mujiques apareciam para ler o jornal (e também para o levarem como papel para cigarros), mas as brochuras nunca ninguém as pedia.

Mas onde havia ela de viver? O presidente do soviete rural, Roman Korzun, disse: «Para ti é perigoso afastares-te, podes apanhar algum tiro» – e alojou-a numa parte de casa requisitada ao diácono, perto do soviete.

Nástia não compreendeu logo por que motivo era perigoso: ela pertencia agora ao que havia de mais encarniçado no poder soviético. Chegou entretanto o dia de S. João, dia de festa e de feira em Okhotchie, e esperavam-se muitos visitantes. A célula do Komsomol ensaiava uma canção antirreligiosa, que no dia de festa apresentou num grande barracão. Nela se cantava:

Não me beijes desse jeito,
Eu não sou a Virgem Maria;
E nunca, nunca no meu leito
Nascerá Cristo algum dia.

Ela sentia o coração apertado, de humilhação e de vergonha.

E que mais? Em casa do diácono toda a família olhava agora Nástia com hostilidade – e ela não se decidia a explicar e a revelar-se! Não seria isso ainda pior? Contornava a casa em silêncio até à sua entrada. Mas Roman – que tinha mais de trinta anos e era solteiro ou divorciado – declarou que ficava com o primeiro quarto, que era de passagem, e que Nástia ficaria no segundo.

Entre os dois quartos nem havia uma porta, apenas uma cortina.

No entanto Nástia não se sentia em perigo – Korzun já era velho, além disso era o seu chefe; passou para o seu quarto, deitou-se e ficou a ler um livro à luz de um candeeiro a petróleo.

Mas um dia depois ele já começara a resmungar: «Não gosto dessas cadelas da cidade, todas armadas em virgens.» E na terceira noite, estava de novo deitada a ler, Korzun aproximou-se em silêncio da fresta, de repente afastou a cortina e atirou-se a ela. Prendeu-lhe logo os dois braços e para que ela não gritasse tapou-lhe a boca com a sua própria boca.

Nástenka não se conseguia mover, e além disso estava aturdida. Ele estava encharcado em suor, repelente. Aquilo era então assim?

Roman, ao ver o sangue, ficou pasmado: uma komsomolka?! E pediu-lhe perdão.

Nástenka não teve outro remédio se não lavar tudo numa pequena bacia, para que a família do diácono não descobrisse.

Mas nessa mesma noite, ele voltou ao quarto dela para se consolar, uma e outra vez, e cobri-la de beijos.

Nástia estava como se a tivessem agredido na cabeça, e completamente sem forças.

E agora, todas as noites, não era ele que ia ter com ela, mas chamava-a. E ela, por qualquer razão, ia ter com ele, obediente. Durante muito tempo não a deixava sair, e nas pausas fumava sempre um cigarro.

Por esses mesmos dias ouviu uma notícia que a deixou gelada: que havia sífilis em Okhotchie.

E se ele também?

Mas não se atreveu a perguntar diretamente.

Iria aquilo arrastar-se por muito tempo? Korzun era possessivo, insaciável. E certa vez, ao amanhecer, já dia claro, ele estava a dormir e ela não – e de repente viu que o enfezado secretário do soviete rural espreitava pela janela; tinha por certo vindo chamar Korzun de urgência, mas já a tinha visto, e notou que ela o viu a ele, esboçou um sorriso imundo, infame. Ficou parado a olhar, depois afastou-se sem bater à porta.

E aquele sorriso demoníaco do secretário perfurou, rasgou todo o estado de aturdimento, de embrutecimento, em que Nástia vivera naquelas semanas. Não porque ele pudesse

agora espalhar por toda a aldeia, mas porque aquele sorrisinho era só por si uma vergonha!

Mexia-se e remexia-se, e Roman não acordava. Reuniu em silêncio todas as suas poucas coisas, numa trouxa tão pequena como antes, saiu em silêncio; toda a gente dormia ainda na aldeia, e ela partiu pela estrada em direção a Taranovka, capital do distrito.

Era uma manhã calma e quente. Estavam a conduzir o gado para as pastagens. Estala o chicote do pastor, mas ainda não se ouve o estrépito de nenhuma charrete, em parte nenhuma se ergue o pó do caminho, que continua debaixo dos pés como um tapete de veludo. (Fez-lhe lembrar uma manhã em que ia a caminho do mosteiro.)

Mas não sabia para onde ia nem para quê. Simplesmente não podia ficar.

Conhecia uma pessoa, Chura, uma mulher solteira que era correio do comité executivo distrital. Foi ter com ela ao quartinho onde morava, desfez-se em lágrimas e contou-lhe tudo.

A outra acarinhou-a. Pensou em ir contar tudo diretamente a Arandarenko.

Este não pediu para a ver, portanto lembrava-se dela. Mandou que lhe dessem uma pequena mesa no comité, alguns papéis e um salário.

Mas Nástia não teve muito tempo para se surpreender com a bondade dele. Ficou a saber, através dos funcionários do comité, que ele era um grande mulherengo. E tinha a sua maneira pessoal: instalava uma qualquer enfermeira do hospital, ou alguma jovem professora, de verão num carro de molas, de inverno num trenó – o cocheiro lançava os cavalos à desfilada pela estepe deserta, e ele deitava-se com ela. Era assim que ele gostava.

Também Nástia não teve de esperar muito tempo pela sua vez. (Como havia ela de se opor? E para onde mais se poderia arrastar com a sua trouxa?) O trigueiro mandou chamá-la, tocou-lhe no ombro e fez-lhe sinal para que o acompanhasse.

E lá foram a galope! Oh, os diabos dos cavalos, como é que não viravam o carro? O feroz homem do topete derrubou-a, ela estendeu os braços acima da cabeça – e para lá do topete já só via as largas costas do cocheiro, que não se voltou uma única vez, e o céu coberto de pequenas nuvens.

Por esses dias, Korzun chegou a Taranovka, implorou-lhe que voltasse, prometeu casar-se com ela. Mas Nástia, enfurecida com ele, recusou, zombeteira. Korzun ameaçou suicidar-se. «Um membro do PCR? Não, tu não te suicidas.» Então ele apresentou queixa oficialmente: exigia que a fizessem voltar à aldeia, como desertora! Mas o comité executivo recusou. Korzun foi ao ponto de reunir a assembleia de aldeia e obrigar os membros a votar: pelo regresso da responsável da isba! Nástia receava que a fizessem voltar a Okhotchie. (Fora uma sorte não ter adoecido lá.) Mas Arandarenko recusou.

Mandou Nástia preparar-se e partir para Khárkov, onde frequentaria um curso de dois meses de bibliotecária. Ele próprio também foi, e reservou-lhe um quarto com uma cama por alguns dias. E ia lá ter com ela.

Até então Nástia mostrava-se indiferente, mas agora qualquer coisa a excitava, tornara-se inventiva, e Arandarenko elogiava-a: «Estás a ficar uma rapariga interessante, e os teus olhos brilham, és bonita.»

Depois Arandarenko voltou para o distrito e o curso continuou. Terminado o curso, Nástia regressou a Taranovka para trabalhar como bibliotecária. Esperava atenções de Arandarenko, mas não voltou a vê-lo uma única vez, como se a tivesse esquecido.

No clube do Komsomol funcionava um círculo teatral, que Nástia começou a frequentar à noite. Estavam a encenar *Enquanto o sol nasce* e uma nova peça sobre a luta de classes, em que os filhos dos *kulaks* se fazem amar pelos filhos dos camponeses pobres, para «entrar sorrateiramente no socialismo». Nesse círculo havia um rapaz chamado Sachko Poguda, de

ombros largos, airoso, de cabelos claros anelados, e que cantava muito bem:

Hoje sonho intensamente...

Nástia gostava dele cada vez mais, de uma maneira natural, sincera. Chegou a primavera e Nástenka, já com dezasete anos, gostava de ir passear com ele ao longo do caminho de ferro e pelo campo. Sachko começou a dizer que se casava com ela sem pedir aos pais. E uniram-se por amor. Entraram no cemitério e ali, sobre a erva nova de abril, mesmo ao pé da igreja... – o que tinha ela ainda a guardar e para quê? E, logo à primeira vez, engravidou. Disse a Sachko, mas ele: «Eu sei lá com quem mais andaste metida?»

Chorou. Carregava pesos de propósito, arrastava móveis pesados, mas sem qualquer resultado. E Sachko começou a evitar os encontros. Os pais dele queriam casá-lo com a filha do enfermeiro, que tinha um bom dote.

Quis atirar-se para dentro de um poço, mas uma amiga conseguiu detê-la. O caso tornou-se conhecido e a célula obrigou Sachko a casar-se. Registraram-se. (Como então se dizia, por troça: «casamento no civil, de rastos no covil».) Os pais dele nem quiseram ver Nástia em sua casa.

Alugaram um apartamento pobre. Sachko não partilhava com ela o dinheiro que ganhava, gastava-o todo na pândega. Em janeiro, com um frio intenso, Nástia deu à luz em cima do forno russo, não quiseram saber de a tirar de lá e levá-la ao hospital. A menina queimou a perna nos tijolos escaldantes e ficou com uma cicatriz para toda a vida.

E então a menina ia ficar por batizar? Mas onde fazê-lo, agora? E se isso for divulgado, expulsam-na do Komsomol, era melhor tirar daí o sentido.

Poguda farreava cada vez mais, parecia tê-la abandonado, não queria saber dela nem da filha. Decidiu deixá-lo. O divórcio foi simples: pagou três rublos, mandaram-lhe um bilhete-postal do registo civil: divorciada. O Komsomol ajudou-a a arranjar emprego de bibliotecária nos arredores de Khárkov,

em Katchanovka – localidade perto de um matadouro e de uma fábrica de tripas. Encontrou um casal bondoso, sem filhos, que aceitou ficar com a pequena Iulka, já desmamada, durante seis meses, ou talvez um ano, e Nástia viria visitá-la. De outro modo não encontraria alojamento. E alugou um canto em casa de uma viúva só.

Mas as boas resoluções duraram pouco. Voltou o tempo quente. Havia na sua célula um tal Teriocha Repko, rapaz tranquilo, meigo, de rosto muito branco. Certa vez, depois de uma longa reunião (nesses anos lutavam contra a oposição trotskista) ele foi acompanhá-la a casa: a povoação era célebre pelos roubos, e ela tinha de passar ao lado de um terreno baldio usado como monturo, onde também apareciam cadáveres. Acompanhou-a uma vez, beijaram-se – Nástia nunca conhecera semelhante ternura. Passou a acompanhá-la à saída da biblioteca, uma segunda vez, e uma terceira vez. Sentiam-se fortemente atraídos um pelo outro, mas não tinham um lugar aonde ir, não o podia levar para casa da viúva, onde havia só um quarto, e ela deitava-se cedo. Mas havia também uma varanda envidraçada, para onde eles se esgueiraram sorrateiramente e enlaçaram-se mesmo no chão.

Amava-o, queria retê-lo, conservá-lo. Acarinhava-o. Gostaria de se casar com ele. Quase no fim do outono engravidou. E então, de repente, irrompeu pela biblioteca a senhoria de Teriocha, de quarenta anos: «Venho olhar para ti, ver como tu és!» Nástia ficou gelada, e a outra insultou-a em voz alta. Só depois ela ficou a saber que aquela mulher sustentava Teriocha e por isso ele vivia com ela e não a podia deixar.

Mas por que é que ele não lho disse antes?! Ficou tomada pelo desespero! Estava apenas de um mês, fez um aborto.

Vivia como que no vazio. E precisava de ir buscar Iulka. O chefe das câmaras frigoríficas, Kobitchenko, reparou nela, arranhou-lhe um quarto. E Nástia levou Iulka para casa. Ele sustentou-a bem durante todo o inverno. Mas desta vez ela descuidou-se com a gravidez, foi preciso recorrer a uma clínica

privada; tiraram-lhe um feto de três meses, o médico praguejou, via-se já que era um menino, atiraram-no para o balde do lixo.

Kobitchenko ou foi despedido, ou transferido, desapareceu. E Nástia sofreu uma inflamação. Soube que Poguda estava agora no CC do sindicato, foi-lhe pedir um título de férias para a Crimeia. Poguda prometeu, mas quando o conseguiu já a infecção tinha passado. Nástia foi na mesma, sem levar a pequena Iulka.

O sanatório estava instalado no mosteiro de S. Jorge, perto de Sebastopol. Depois do grande tremor de terra do ano anterior na Crimeia, muitas pessoas recebavam ir para ali e por isso havia muito espaço. Mas justamente muito perto dali estava acantonado um destacamento de marinheiros. Algumas mulheres e raparigas do sanatório iam lá visitá-los, debaixo das moitas. E Nástia não conseguia vencer a constante excitação. Tornou-se sensível ao apelo e não baixava os olhos. Apareceu um marinheiro para ela, e depois outro.

Ao voltar para Katchanovka, o contabilista da fábrica, homem já de certa idade, disse-lhe: vamos partir numa longa viagem de serviço. E levou-a com a Iulka. Fizeram a viagem para lá num compartimento especial, permaneceram algum tempo e depois regressaram. Ele acarinhava-a de várias maneiras. Foi no comboio que ela fez os seus dezanove anos, que festejaram com vinho. Mas depois de regressar da missão, o contabilista nunca mais voltou a procurá-la: tinha família.

De uma maneira ou de outra, precisava de organizar a sua vida. Graças ao diretor do clube, foi frequentar um curso preparatório para entrar no instituto, espécie de faculdade operária, mas apenas por seis meses. Com uma bolsa de trinta rublos, alimentava-se apenas de sopa e de papas, porque estava tudo cada vez mais caro. A residência era numa igreja grande e fria. As aulas tinham começado antes de ela chegar, e as tarimbas de dois andares já estavam todas ocupadas. Para não dormir no cimento do chão, ela e Iulka dormiam em cima

de uma mesa onde dantes costumavam colocar o sudário ou os caixões com os defuntos. Depois, por ser mãe com uma criança, mudaram-na para uma casa de banho desativada de outra residência, sem janela. Deixava Iulka no jardim infantil das sete da manhã às sete da tarde. Também aqui lhe apareceu um «visitante», Scherbina, homem nutrido, forte, pesado. Era casado e dizia que vivia bem com a mulher, mas lançava-se furioso sobre Nástia. O que para ela era bom, mesmo com a vida de fome isso não a cansava. Scherbina deixava-lhe sempre qualquer coisa – umas meias de fio da Pérsia, um perfume, ou simplesmente dinheiro. Que fazer? Ela aceitava. Depois de um aborto penoso, já nunca mais engravidou.

Mas em setembro do ano seguinte Nástia foi aceite no curso de três anos do Instituto de Educação Social. Transferiram-na para uma residência estudantil normal – um quarto para três mães, e Iulka estava no jardim infantil.

Naquele inverno, a tia Hanna, que há muito não dava sinal de vida, apareceu outra vez em Khárkov. Nástia correu para ela e ficou a saber que o avô Filaret tinha sido desterrado para as ilhas Solovki.

Ficou gelada, a tremer. Viu o rosto dele, atento, bondoso, ornado de branco, e até conseguia ouvir-lhe a voz, calorosa e sentenciosa. Para as Solovki? Era o nome mais terrível depois do GPU.

Aí está, desejosas de não deixar rasto, abandonámo-lo. Traímo-lo.

Mas em que é que lhe poderiam valer?

Mas a tia Fróssia, de Poltava, mantivera correspondência com ele enquanto ele ainda estava em Milostaiki – foi assim que descobriram que ela era filha de um pope, a despediram da contabilidade e não a aceitam em nenhum trabalho de responsabilidade. E através da tia Fróssia chegaram também à tia Hanna, que teria perdido tudo se não tivesse um conhecido no GPU que lhe arranjou uma tarefa: manter em bom estado um belo apartamento em Khárkov e atrair para

lá quem lhe indicassem. Embora tivesse mais de trinta anos, ela continuava atraente, agora vestia-se bem e mantinha o apartamento bem arranjado, com três quartos e aquecidos. (Aquecidos! – nem toda a gente tem agora essa felicidade.)

Depois de alguns encontros, a tia Hanna perguntou-lhe: «Sabes o que são noites atenienses?» Nástia não sabia. «Todas as mulheres devem andar nuas, e os homens escolhem. Quando eu tiver falta de mulheres, chamo-te pelo telefone, está bem?»

Claro que estava bem. Nástenka até iria com agrado, tornara-se insaciável no amor. A tia Hanna encomendava para Nástia ora vestidos muito justos, ora transparentes como musselina. Tudo aquilo era divertido, despreocupado. A toda a volta era uma vida de escassez, era só batatas, e mesmo de batatas não se conseguia grande coisa – enquanto ali nadava na abundância.

E assim se passaram dois invernos, e entre eles um verão; Iulka já tinha feito quatro anos e Nástenka vinte e dois. E então, de repente, os agentes «levaram» a tia Hanna para qualquer parte, e ela desapareceu sem deixar rasto. E tudo acabou assim.

Mas isso fez com que Nástia estudasse com mais aplicação no seu último ano, para conseguir boas notas. A «Educação social» abrangia todas as escolas gerais, ensinavam pedagogia e pedologia. Os diplomados deviam introduzir o pensamento socialista na instrução popular.

Mas em toda a região e na própria cidade de Khárkov pairava uma fome mortal. Pelas senhas de racionamento davam duzentos gramas de pão. Camponeses famintos penetravam na cidade através das barreiras para ali pedirem esmola. E as mães abandonavam os filhos moribundos. Pelas ruas, aqui e ali, jaziam cadáveres.

Então chegou uma carta da tia Fróssia a informar que o padre Filaret tinha morrido. (Pela carta não se conseguia precisar, mas era evidente que tinha sido *lá*.)